

# SEBASTIÃO ALVES

---

## O VELHO QUE PENSAVA QUE FUGIA (ROMANCE)

CHIADO EDITORA

### APRESENTAÇÃO

Que faz um um homem de oitenta e três anos escondido entre os eucaliptos às quatro da madrugada?

De que foge? Que procura? Quem o persegue?

Onde irá ele arranjar dinheiro para hotéis, táxis, comboios, autocarros?

Porque elege para refúgio este lugar de romagem, onde uma Virgem Negra acolhe peregrinos desde a Idade Média?

E que dilema o vem finalmente surpreender, quando pensava ter encontrado a paz e mesmo reencontrado amor?



## TRECHOS DO LIVRO

### I

Além, no oitavo andar daquele prédio alto, foi a minha casa. Tenho saudades dela.

Tenho saudades de chegar cansado do trabalho e entrar na penumbra egípcia do hall, iluminada pela estatueta de Isis com Hórus ao colo, que comprei no Cairo, por uma pequena fortuna, em 1968. Tenho saudades de pendurar o sobretudo e seguir para o salão com a lareira já acesa pela Rosário, pôr um a tocar um quarteto de Haydn ou de Schubert, servir-me de uma bebida e refastelar-me no sofá, no meio dos meus livros, no meio dos meus quadros, uma parede preenchida com as fantásticas paisagens lunares do Cruzeiro Seixas, a outra com as luminosas Lisboas desertas, do Carlos Botelho. Sinto saudades desse diálogo de paisagens.

Olho para cima, para o oitavo andar, até doer-me o pescoço. Pergunto-me quem lá vive agora. Custa-me muito a ideia de que o tenham esvaziado de tudo o que era meu. Aflige-me imaginar que outras pessoas se passeiam agora por aqueles 286 metros quadrados – excluindo o terraço com jacuzzi – que ao longo dos anos eu transformei numa parte de mim. Dói-me pensar que estranhos encham agora a barriga naquela que foi a minha sala de jantar Arte Deco, para depois a esvaziarem numa das sanitas inteligentes que mandei instalar nas quatro casas de banho do apartamento. Mas o que mais me perturba é o que terão feito da divisão que eu transformei em garrafeira e era o meu orgulho, climatizada, blindada, aparentemente inviolável, como o túmulo de um faraó...

– Que fizeram da minha casa, Carolina?

Foi a pergunta entaramelada que fiz à minha filha da última vez que ela foi visitar-me, já lá vão muitos meses. Nesse dia, por qualquer motivo, eu não estava tão atordado como de costume. Das outras ocasiões em que ela me aparecera, eu não lhe tinha dirigido palavra. Ela olhava para mim e eu via-a disfarçadamente limpar as lágrimas, mas andava tão apardalado que era como se ela pertencesse a um filme antigo, riscado e desfocado e com o som tão distante que parecia mudo.

Naquele dia porém, eu estava lúcido. Talvez por essa altura me tivessem aliviado a dose de calmantes. Estava lúcido e repeti, porque ela ainda não me tinha respondido:

– Que fizeram da minha casa? Venderam-na, foi isso?

Ela disse que não com a cabeça.

– Então vou voltar para lá – disse eu – Quero ir para minha casa.

– Não pode, pai – balbuciou ela – Tem que perceber. Aqui está melhor. É para seu bem...

– Para meu bem? Que bem é esse? – Vê-la perturbada espicaçou-me e comecei a exaltar-me – Quero ir para minha casa! Diz-me o que é que eu estou aqui a fazer...

– Aqui está melhor, não vê? Aqui ao menos tem companhia...

– Companhia, isto...?

Não era preciso virar a cabeça. Eles estavam à nossa volta, os velhos. Sentadinhos em sofás em redor da sala perscrutavam o infinito, com ar de quem acha tudo isto natural... Companhia, Carolina, estes velhos e velhas, são eles a minha companhia? Era o que eu queria perguntar, mas a voz não conseguia ir buscar as palavras à minha cabeça.

— Cheiram mal... — Foi o mais que eu consegui dizer.

Em silêncio, gritava: sabes como é como os velhos se entretêm, Carolina?! A cheirar mal... É como eles se entretêm. Deixam um cheiro em tudo, como os cães...

— Cheiram mal... — Repeti.

— Aqui o pai tem ginástica e atividades — disse ela, como quem não ouviu — e tratam-no bem, não tratam?

— Quero ir para minha casa!

— Aqui tem mais condições, pai. Não tem idade nem saúde para viver sozinho...

— Sozinho? E a Rosário?

— A Rosário também já não está nova...

— Tenho a Rosário, quero ir para casa!

— A Rosário foi para a terra, pai, reformou-se.

— A Rosário foi-se embora?

Mandaram-na embora, é o que é. Eu de facto tinha estranhado que ela nunca me tivesse vindo visitar... monstros! E agora eu precisava dela. Ela era parte da minha casa e eu precisava dela. Mais uma perfídia que me fizeram, pensei. Mas não ia dar parte de fraco...

— Arranjo uma pessoa...

— Não pode, pai. A sua cabeça...

Agora sim, ela tocou num ponto sensível. Teve o condão de dissipar o que restava do efeito dos comprimidos:

— A minha cabeça!? A minha cabeça?! O que é que há de errado com a minha cabeça?! Diz-me por favor! Diz-me!!

A minha voz ganhava contornos e volume. Um ou outro daqueles velhos até saiu da sua letargia e se dignou a virar os olhos para nós. Alguém espreitou à porta.

— Eu estou bom da cabeça, estás a ouvir!— Gritava — Eu estou bom da cabeça! Eles enganaram-te, Carolina, estás a ouvir?! Eles enganaram-te e tu deixaste-te enganar... Eu não estou louco! Estou até bem demais da cabeça e percebo perfeitamente o que me fizeram!

Gritava, mas vi as lágrimas que rolavam pela cara dela e amansei:

— Quero ir para minha casa, filha, é só isso que eu quero. Isto aqui é pior que o inferno... É o limbo, é o tédio, é o nada... Só quero ir para minha casa.

Ela continuava a abanar a cabeça como quem diz que não é possível. E uma vez mais eu perguntei:

— Que lhes fizeram, Carolina? Que fizeram da minha casa? Os meus quadros, os meus livros, as minhas garrafas de coleção, que foi que vocês lhes fizeram? Beberam tudo, foi isso?

A Carolina chorava, soluçava agora descontroladamente. Veio alguém e ajudou-a levantar-se e conduziu-a dali, para fora. Nem um beijo me deu...

Virou costas e saiu para nunca mais voltar, perseguida pelos meus gritos:

— Quero ir para minha casa, ouviste! Tira-me daqui!



Não tirou. Mesmo que quisesse, mesmo que soubesse, não lho teriam permitido... Mas eu também não precisei, pois não?! Estou aqui, não estou?

Vim de táxi, mas é como se tivesse vindo no meu Mercedes, como se acabasse de chegar de uma reunião com o diretor-geral da indústria ou com um banqueiro qualquer.

— Manel, tu tens os teus problemas, eu tenho os meus e estou a ouvir-me dizer ao presidente do BEO<sup>1</sup>, que me tinha cortado o crédito — Tu não podes ajudar, paciência... Tens muita pena, dizes tu? Pois escusas de ter... E que não te pese na consciência. Eu tenho outras opções...

Passaram dezoito meses, mas é como se não tivessem passado... Aqui estão as mesmas pernas a subir os mesmos degraus de então e daqui até já vejo o porteiro goês, o Bragança, sentado à secretária, um olho no seu livro, um olho na porta da rua, firme no seu posto apesar de ser pelo menos tão velho como eu... Agora sorri. Acaba de avistar-me e levanta-se. E de repente parece que esteve ali de granito este tempo todo, a não fazer mais nada senão a esperar por mim... A porta abre-se.

— Doutor Caeiro, seja bem aparecido, faça o favor de entrar...

— Então, Bragança? Estou muito contente por ver que ainda não se reformou...

— Reforma, Dr.? Credo! Parar é morrer! Mas o senhor, caramba, por esta é que eu não esperava... Já lá vão dezoito meses que não o via! Soube que esteve doente...

— Mais ou menos, Bragança, doente é uma maneira de dizer... Mas agora estou bom.

— Vem então visitar o seu filho?

O meu filho?!

As palavras do Bragança demoram uns segundos a fazer sentido. Se eu vim visitar o meu filho...? Freud me acuda, nem que seja do avesso... Porque é que eu não pus essa hipótese?! Afinal, pensando bem, é apenas lógico... Eles andavam à procura de casa, não andavam? Pois arranjam uma, e ótima, e sem gastarem um tostão.

— É verdade, Bragança, vim fazer-lhes uma visita. O meu filho já chegou?

— Ainda é cedo, doutor Caeiro. Costuma chegar por volta das sete, sete e meia... Mas a senhora está — diz ele abrindo-me a porta do elevador.

---

<sup>1</sup> Banco Español de Oportunidades

Caio em mim. A víbora está em casa. Ui! Se calhar eu não devia estar aqui, no covil dos lobos... Devia era ganhar juízo, dar meia volta e pôr-me a mexer! Mas já estou com um pé dentro do elevador... O Bragança já carregou no botão do oitavo andar e a porta fecha-se antes mesmo que eu consiga agradecer. Aqui vou eu... E miraculosamente, em vez de receio, eu sinto uma súbita alegria a puxar-me para cima com o elevador...

Olho para o espelho e encontro-me. E pareço eu, o velho eu. É como se viesse de uma reunião importante, decisiva, e estivesse a chegar a casa... A casa ainda é minha e eu vou entrar nela, e até pode ser que não tenham deitado fora as minhas coisas...

Não, agora já não vou retroceder. Quero ver as minhas coisas. Eu preciso de ver a minha casa, seja o que Deus quiser...

Volto a olhar para o espelho e digo com orgulho à imagem que me fita:

– Benvindo de volta ao reino dos vivos!



– Senhora!!

É a Bia, a empregada cabo-verdiana do meu filho. Tem os olhos a saltarem-lhe das órbitas. Parece que viu um fantasma...

– Que é, Bia? – Ouço ao fundo a voz da minha nora Dalila.

Aparece e fica também a olhar para mim de boca aberta...

– Pai?!

Chamas-me pai, cabra?!

– Pai, julgávamos... Que horror... Nem quero pensar...

Eu também não... Ela volta a olhar para mim como quem se certifica:

– Julgávamos... Meu Deus... Que coisa terrível... Imaginar... O David foi para lá hoje de manhã, mas eu não consegui.

Fico em silêncio a admirar aquele espetáculo de hipocrisia. Ela recompõe-se minimamente:

– Entre, pai, entre. Desculpe a minha desorientação. Que bom estar aqui, que bom. Tenho que telefonar já ao David. Vá entrando, vá entrando para a sala, que eu já vou ter consigo.

Vou entrando, vou, não sem antes reparar que substituíram a minha Ísis por uma Nossa Senhora insípida, com uma criança ao colo. Mas a sala — alívio! — é ainda a minha sala... Sim, os sofás podem ser novos e os cortinados mudaram de cor, sub-

stituíram o lustre e removeram o piano, mas a lareira é ainda a lareira à qual passei tão belos serões e a estante é ainda a estante de origem, a minha estante.

Também substituíram por bibelôs a maior parte dos meus livros. Deixaram apenas a grande enciclopédia, para vista, e a minha coleção de livros velhos... Era uma das minhas preocupações, mas estão ali todos e fico contente. Apetece-me pegar na minha Divina Comédia de 1529, mas para já prefiro virar-me para as paredes, para os meus quadros, que também ainda estão pendurados conforme os deixei, Cruzeiro Seixas dum lado, Botelhos do outro...

— David? — Ouço a voz da Lila no corredor — David, até que enfim atendes! David, o teu pai está vivo!

Pausa.

— Não, não estou a sonhar, David! Está aqui comigo, à minha frente.

Imagino a cara do David! Eu, vivo?! Que chatice, ah ah... Sinto um grande sorriso a esticar-me os músculos da cara...

— Está bem — conclui ela. Desliga o telemóvel e entra na sala.

— O David vem já para cá. Sente-se, pai, esteja à vontade.

— Vou fazer como se estivesse em minha casa — Digo eu, disfarçando o sorriso, ao mesmo tempo que procuro onde me sentar.

Os sofás novos parecem-me fundos demais, uma armadilha. Prefiro um cadeirão que reconheço, embora tenha sido forrado de novo. A víbora senta-se noutro igual, à minha frente, os olhos em bisturi, a dissecar-me:

— Deve ter sido horrível...

— Foi — respondo, com uma espécie de careta, tentando decidir que papel devo representar.

— Sim, deve ter sido horrível, horrível! — Continua ela — Nem consigo imaginar... Eu que tenho um pavor de incêndios... — A cara dela é de genuíno pavor, mas depois sossega e diz — O que eu não percebo é porque se veio embora? Porque é que não esperou por ajuda? Devia ter esperado por ajuda, pelos bombeiros. Porque não esperou?

— Quis fazer-vos uma visita... — foi a resposta que saiu.

— Sabe que pensávamos que tinha morrido...? — Diz ela em tom de censura.

— Ah, sim? — Finjo-me surpreendido. Porque a verdade é que eu já tinha posto tal hipótese.



Foi logo às sete da manhã, depois de ter descido do autocarro na estação de Benfica e ter entrado no táxi que me levaria à Baixa. O taxista tinha o rádio ligado e nas notícias não se falava de outra coisa que não fosse o incêndio no lar Cristo Redentor. Ainda não sabiam quantas, mas já falavam em vítimas mortais...

Entretanto eu olhava para o mundo pela janela do táxi. Não podia deixar que aquelas notícias me perturbassem a felicidade. Pela primeira vez em dezoito meses, não tinha ninguém para me dizer o que fazer e sobretudo, o que não fazer... Recuperara a liberdade e tinha a obrigação de gozá-la, cada minuto, cada segundo, com a máxima atenção.

E assim fazia. Pela janela do táxi, tudo me chegava mais real que a realidade. Era como depois de uma lavagem aos ouvidos, entupidos por cera, em que cada murmúrio é um trovão. De repente cada imagem, cada objecto, cada sinal de trânsito era um grito de alegria. As casas, que antes foram vulgares, mesmo feias, agora pareciam fantásticas como guarda-jóias, como guarda-sonhos. Cada folha de árvore, cada reflexo de luz, cada pedra de calçada, iam-me pertencendo com absoluta nitidez, enquanto o táxi desenrolava ruas e avenidas...

Um semáforo obrigou-nos a parar. Uma mulher pisou a passadeira de peões e olhou para mim através do vidro, ignorando ostensivamente que eu estava mais vivo do que ela. Põe-te verde! ordenei eu então ao semáforo vermelho para lhe demonstrar. E ele obedeceu.

O táxi deixou-me na Praça da Figueira e eu respirei como se fosse a primeira vez. Senti-me o bebé a quem a parteira deu um açoite. Mas em vez de chorar, ri-me. Virei os olhos para o céu e bebi azul.

Foram instantes... Há prazeres que são tão intensos que não conseguimos aguentá-los por muito tempo... Olhei em redor e tentei de novo fazer parte do que me rodeava, sentir os pés pousados no chão. Dirigi-me ao quiosque dos jornais.

Pedi o Diário de Notícias, o Público, o Diário Económico e o Jornal de Negócios. Hesitei um instante, e pedi também o Correio da Manhã. Espantada, a vendedeira ainda ficou a olhar para mim depois de me entregar os jornais enfiados num saco de plástico, mas não disse nada. Eu virei costas e fui sentar-me na esplanada da pastelaria Suíça, aspirando profundamente o ar da liberdade, à espera que me servissem.

E não abri logo os jornais. Preferi saborear delícias em que ninguém repara... Coisas tão simples como a dança dos pardalitos entre as mesas, de volta das migalhas, ou a pachorra do sol ainda ensonado, que penteia os cabelos loiros nas ameias do castelo. O empregado parou junto à minha mesa e eu pedi uma bica e um pastel de nata. Para começar...

Uma hora mais tarde pedia outro pastel de nata e outra bica. E pus-me finalmente a anotar num guardanapo de papel as moradas dos jornais. Aparte o Diário de Notícias, fora só para isso que os comprara. O DN porém era um hábito antigo, um prazer de pequeno-almoço de fim-de-semana numa esplanada, interrompido apenas durante aqueles malfadados dezoito meses de clausura... E desta vez nem sequer era fim-de-semana, era muito mais e muito melhor, era fim-de-cativeiro e por isso abri o jornal como quem abre um livro de iluminuras.

Pelas onze horas tinha acabado. Exceto anúncios, tinha lido tudo, lenta e gostosamente, sem perder palavra. Paguei e levantei-me. E de súbito tive consciência da fraqueza

das minhas pernas. Mais do que os oitenta quilos, eram os oitenta e três anos que pesavam em cima destes palitos meio descarnados que hoje são as minhas pernas. De repente arrependi-me de não ter levado mais a sério as duas sessões de ginástica semanais que me impingiam no lar, os passeios no jardim e mesmo as ridículas sessões de dança...

Onde é que tu julgas que vais? Perguntei-me. Tinha imaginado ir espreitar o Terreiro do Paço com o remoçado Cais das Colunas, mas disse comigo: tem juízo. Voltei a sentar-me, pedi uma água das pedras e pus-me a fingir que fazia as palavras cruzadas, matando tempo, à espera da hora do almoço. Sonhava com marisco. Preenchia mais uns quadradinhos, olhava para uma mulher que passava e sonhava com marisco.

Pelo meio-dia e meia pus-me finalmente a caminho das Portas de Santo Antão. No largo de S. Domingos apeteceu-me uma ginginha, mas resisti. E fiz bem, porque cem passos adiante deparava-me já com um magnífico aquário de sapateiras e lagostas, a servir de montra.

Entrei e sentei-me na primeira mesa livre. As pernas já mo pediam... Aceitei o menu que me entregavam e suspirei numa longa careta enquanto sentia os ossos a assentarem, os músculos a relaxarem, os pulmões a abrandarem. Depois voltei a pensar em marisco, o merecido prémio. Preparava-me já para abrir o menu e começar a escolher iguarias, quando o meu ouvido encontrou, entre o ruído de sílabas indistintas, a palavra “incêndio”...

A televisão estava à minha direita, pendurada na parede e a imagem não deixava dúvidas. Aquele casarão cor-de-rosa era o lar Cristo Redentor, ou melhor, o que dele restava. Havia pinceladas negras nas paredes. Uma parte do telhado desabara. Algumas janelas, sem vidro, mais pareciam olhos que levaram um murro. Tentei ouvir o que o locutor dizia, mas entravam clientes no restaurante, falando alto, rindo, arrastando cadeiras, e não percebi patavina.

A câmara agora focava o interior calcinado. Depois vi carros de bombeiros, vi água jorrando das agulhetas, o vapor do rescaldo. Uma jovem bombeira ajudava um velho, que não tive tempo para reconhecer, a subir para uma ambulância. E finalmente vi os corpos alinhados, cobertos. Ainda tentei conta-los, mas não consegui.

Os meus olhos não despegavam. Queria olhar para outro sítio, mas não despegavam. Decidi pois mudar de mesa. Agora já tinha a certeza de que havia mortos, mas não precisava de continuar a pensar nisso. Queria concentrar-me de novo naquela orgásmica sensação de liberdade.

.....  
.....  
.....

## II

Já devemos estar em Castela... A paisagem rija, monótona, sonolenta, entra pelos olhos e transforma a alma numa aridez plana que não tem fim. Se não fossem os corvos, adormecia. Os corvos e as aves de rapina. Avisto uma que paira, alto, o mais alto possível para escrutinar a maior área possível onde a presa rasteja.

A presa...

A presa presente a ave, mas não sabe se foi avistada. É como eu me sinto. Penso: será que os despistei? E pergunto-me: já terão fornecido os meus dados à polícia espanhola, à Interpol?

Duvido. Acho que ainda pensam que eu estou em Portugal. Um velho louco e sem dinheiro foge de um lar na Buraca: onde irão procurá-lo? Começarão por Lisboa, certamente. Começarão pelos albergues, nos esconsos, debaixo dos viadutos...

Talvez até pensem que morri...

.....  
.....  
.....

### III

.....  
.....  
.....

A Vila é belíssima, dividida a meio pelo precipício. Para chegar ao santuário há um elevador e uma escadaria de duzentos e dezasseis degraus que foi tradição, na Idade Média, os peregrinos subirem de joelhos. Hoje em dia os turistas religiosos ainda fazem questão de subir, mas não gostam de estragar as calças e muito menos os joelhos.

E eu, já tinha subido?, foi a pergunta marota de Mme Grignard.

Eu respondi que não e ela riu-se como era raro nela.

— Que espécie de peregrino é você? — duvidou.

— Um ateu com oitenta e três anos em cima das pernas e falta de óleo nas dobradiças... — respondi eu.

Ela já sabia que eu não era grande católico. Eu não fingia ir à missa. Onde eu ia, e continuo a ir de vez em quando, era visitar a Virgem Negra...

A Virgem é tosca e escura. Tem quase mil anos e o seu olhar é indefinido e cego. Atravessa os visitantes como se fossem transparentes e fixa-se candidamente no infinito. Tem o olhar que têm os deuses, mas nos joelhos tem o Menino, que é escuro e tosco como ela, e com ela aprende a olhar o infinito.

.....  
.....  
.....

## IV

— Elias, és tu? — ouço a voz de Martine do andar de cima, assim que me sente entrar em casa. Agora tratamo-nos por tu.

— Sim, sou eu, quem havia de ser? — respondo sem ter a certeza de que ela me ouve, porque detesto gritar. E fecho a porta atrás de mim.

— Tens um senhor à tua espera na sala — grita ela então, e paralisa-me.

Um senhor?

À minha espera?!

Quem poderá ser?

Só pode querer dizer uma coisa, não é verdade? Este senhor, se Martine não o conhece, é porque não é da vila... E não, desta vez não é meramente um hóspede suspeito, um vulto vagamente familiar na multidão. Este senhor soube que eu moro aqui e veio cá ter e quer falar comigo... Dois mais dois igual a quatro, não é verdade?

Que faço?

Que faço eu agora?

.....  
.....  
.....